



FAMÍLIA Dália é empregada dos Cruz há 22 anos (trata o patrão por «sir»). Recebe €600

Empregada interna

Chamo-me Dália, mas todos me tratam por Dádá. Sou eu que mando nesta família. Gosto muito de mandar. Ninguém aqui faz alguma coisa sem me perguntar. Seja festa, um jantar ou uma mudança de móveis e objectos. Sei que sou apenas uma empregada, mas sinto-me como se fizesse parte da família Cruz. Afinal de contas, vivo há cerca de 22 anos debaixo do mesmo tecto que eles. Todos os dias da semana. Nem nas férias me separo de si. Tinha 12 anos quando a minha mãe

me disse que eu iria passar a trabalhar durante os fins-de-semana como empregada interna na casa de uns senhores conhecidos de uma vizinha. Gostaram de mim e convidaram-me a ficar com eles o resto da semana. Recordo-me muito bem dessa altura. Quando cheguei, não sabia fazer quase nada, mas também não me exigiram muito. Deram-me carinho e atenção, que era coisa que eu não tinha em casa, pois venho de uma família humilde, com dez irmãos (cinco rapazes e cinco raparigas). Tudo o que sei, aprendi aqui, com a Dona Leonor, a minha pa-

tro, que já faleceu. E se hoje sei engomar ou cozinhar doces, assados ou cozidos devo-o a ela. Entretanto, casei, tive um filho, o Guilherme de 19 meses, e passámos a viver todos aqui. Sabe, o meu filho trata o senhor Cruz, o meu patrão, por 'avô' e eu trato-o por 'sir'. Somos muito cúmplices e unidos.»

Como se percebe, o discurso surge-lhe espontâneo. Dália, 36 anos, dá início à sua história muito bem instalada no sofá da sala da vivenda onde vive há mais de duas décadas com os patrões, na zona da Carrasqueira, arredores de Sesimbra.

TRABALHO «Tudo o que aprendi foi com a minha patroa. Só não sei bordar a ponto de cruz»



Só depois desta introdução, começa a responder às nossas questões. Confessa que já pensou, por diversas vezes, romper com esta tarefa de empregada a tempo inteiro, para se fazer à vida. Mas o afecto mútuo com esta família sempre a impediu. «Se deixar de trabalhar aqui, sujeito-me a ter que trabalhar a dias em casa de vários patrões, que me obrigarão a ter horários e a cumprir tarefas que não quero, ou quando não me apetece.» Na moradia do Sr. Cruz, empresário de 74 anos, Dália conquistou a liberdade de gerir o quotidiano da casa, ao seu ritmo. Sem imposições ou ordens. Talvez por isso, é com gosto que ela se atira a fazer coisas que ninguém espera de uma empregada doméstica. «Arranjo a canalização, cuido do jardim da casa e se, for preciso, também

pinto paredes. Afinal, esta é a casa onde vivo com o meu marido e o meu filho. Sem falsas modéstias, sou boa em tudo o que diz respeito às tarefas domésticas. Só não sou boa numa coisa... não sei bordar a ponto de cruz», confessa sorridente.

Dália ganha €600 por mês e, apesar de viver ali com o marido e filho, e de terem passado a ocupar dois quartos da casa, não pagam refeições, rendas ou as contas da água, luz ou gás. «Sou muito bem tratada. Não sou vista como uma criada e sempre me sentei à mesa com os meus patrões. Talvez por isso me aguento aqui há tanto tempo. Veja-se o caso das minhas quatro irmãs. Todas experimentaram as tarefas de uma empregada doméstica interna, mas nenhuma supor-

tou essas funções por muito tempo. Sou um caso especial numa família especial. Hoje em dia, a maioria das raparigas não estão dispostas a tal entrega.» O senhor Cruz, presente desde o início da conversa, rompe o silêncio para completar a frase de Dália. «É nem a maioria das famílias estão actualmente em condições de receber uma empregada interna da forma como eu recebi», afirma.

Portuguesas, precisam-se

Estas duas visões não estão longe da realidade do mercado. De acordo com a empresa Quermarias.pt, uma das sociedades com maior expressão no mercado português a requerer todo o género de profissionais domésticos, a procura de empregadas internas de nacionalidade portuguesa é actualmente «muito superior» à oferta. Arminda Serrano, uma das sócias da empresa, explica que o que predomina no mercado são as internas brasileiras, africanas ou provenientes dos países de Leste. «As jovens portuguesas não encaram os serviços domésticos como uma carreira. Acham que é uma actividade menor, apesar desta ser uma área promissora, sem qualquer desemprego. Na verdade, uma jovem portuguesa com referências pode pedir o que quiser ao fim do mês, porque há mercado para isso», elucida. Segundo a empresária, os ordenados que se pagam, em média, para uma empregada interna portuguesa oscilam entre os €1.000 e os €1.500. Subsídio de férias e de Natal incluídos. Em troca, os patrões exigem seriedade, obediência e discrição. «Mas a maioria não se quer sujeitar a trabalhar e a dormir seis dias por semana em casa de alguém», conclui Arminda Serrano.

Na cozinha do senhor Cruz, Dália corta cenouras e batatas para confeccionar uma sopa para o pequeno Gui, que se enrola nas suas pernas. Não garante que continue naquela casa para sempre. «Trabalharei aqui, pelo menos, enquanto o senhor Cruz for vivo.»

BRASILEIRAS, africanas ou de Leste. «As portuguesas não vêem nisto uma carreira»